

## **EXPERIMENTAÇÕES EM EDUCAÇÃO E GEOGRAFIA: MAPAS E CARTOGRAFIAS DE/EM OUTROS PERCURSOS**

Ana Maria Hoepers Preve<sup>1</sup>, Carolina Datria Schulze<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Orientadora, Departamento de Geografia FAED – anamariapreve@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Geografia FAED – Bolsista PROBIC/UDESC – datriacarol@gmail.com

Palavras-chave: Experiência. Cartografias. Ensino de geografia.

Na nossa cultura escolar e ocidental, o conceito que se tem sobre mapas geralmente está atrelado a uma perspectiva de imagem-mapa padrão delimitado por referências engessadas a cartografia geográfica, que possui um caráter essencialmente informacional. Tal imagem e seus símbolos passam a ser reproduzidos indiscriminadamente nas aulas de geografia e fora dela, funcionando como impedimento para o surgimento de outras imagens-mapa. Nesse sentido, investigamos, produzimos e analisamos estratégias educacionais em Geografia comprometidas com questões do contemporâneo e que sejam capazes de ampliar e acrescentar outros saberes e outras imagens à geografia e à cartografia escolar. Nossa pesquisa, inserida num contexto educação, trilhou por diversos caminhos, passando por escolas de Educação Básica de Florianópolis; pela universidade no curso de Geografia e no curso de Pedagogia (FAED-UDESC); e também por espaços informais de educação, especificamente no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis/SC com pacientes internos e no Centro Especializado em Pessoas em Situação de Rua de Joinville/SC. Por todos esses caminhos, a proposta da pesquisa sempre esteve centrada no uso de diferentes linguagens para pensar outras formas de compor saberes geográficos e educacionais.

Nosso primeiro movimento foi compreender de que modo a cartografia é trabalhada no âmbito escolar, para isso, realizamos análises em alguns livros didáticos utilizados em escolas públicas de Florianópolis e, posteriormente, entrevistas com alguns professores que fazem uso de tal material. Nesta etapa inicial da pesquisa, observamos o modo como mapas e imagens estão relacionados ao conteúdo cartográfico e de que forma esse recurso didático é utilizado em sala de aula. Deste modo, foi possível perceber que tais mapas e imagens são constantemente empregados para uma cartografia escolar limitada ao cunho da informação e, às vezes, pouco funcional no sentido da aprendizagem.

Na busca de uma cartografia capaz de torcer seu caráter exclusivamente informativo, planejamos uma oficina que permitisse o surgimento de uma outra forma de grafar e apresentar o espaço vivido. Nosso objetivo com a Oficina Mapeando Florianópolis era mostrar uma Ilha de Santa Catarina que não é vista nos mapas escolares e nas rotas turísticas, mas que se aproxima do cotidiano e das memórias daqueles que fazem os traços nos mapas, os oficineiros-cartógrafos. Para isso, buscamos inspiração no livro *Mapping Manhattan* da autora norte-americana Becky Cooper (2013), que reúne 75 mapas resultantes de seu projeto na cidade de Nova Iorque. Cooper caminhou pelas ruas nova-iorquinas com pequenos mapas em branco da ilha de Manhattan, que foram distribuídos para milhares de pessoas seguidos da seguinte instrução: “mapeie suas

memórias”. Assim, adaptando a experiência de Cooper, confeccionamos e distribuimos mapas em branco da ilha de Florianópolis durante as três oficinas realizadas entre novembro de 2014 e abril de 2015<sup>1</sup>. Durante o exercício, disponibilizamos diversos tipos de materiais (giz de cera, tesoura, lápis de cor, tecidos, lã, etc) e pedimos aos oficinheiros-cartógrafos que mapeassem ao seu modo suas memórias, sentimentos e afectos pela Ilha catarinense. Ao final da oficina, cada oficinheiro-cartógrafo pôde falar sobre o seu mapa aos colegas de oficina, expondo suas reflexões e percepções sobre o espaço habitado e vivido. De forma gradual, os mapas resultantes dessas oficinas estão sendo divulgados em uma página criada na rede social Facebook (disponível em: <https://www.facebook.com/mapeandofloripa>).

Além das análises dos livros didáticos e das oficinas Mapeado Florianópolis, esse projeto de pesquisa se desdobrou em outras atividades e experiências, como grupos de estudos e Trabalhos de Conclusão de Curso. Os grupos de estudo foram encontros quinzenais com os demais integrantes envolvidos de maneira direta e/ou indireta, onde discutimos sobre a produção de autores que trabalham com questões relacionadas e que ligam a educação com a narrativa (Walter Benjamin), com a experiência (Jorge Larrosa, Walter Benjamin), com as cartografias alternativas (Giseli Girardi, Wenceslao Machado de Oliveira Junior) e com as oficinas (Guilherme Carlos Correa, Ana Maria Preve, Paulo Freire...). Entre os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) é importante frisar que o projeto abrangeu tanto as atividades da bolsista IC quanto atividades de bolsista voluntário, desse modo, ressaltamos a importância do trabalho realizado por Danilo Stank Ribeiro com seu estudo ligado a criação de mapas sensoriais decorrentes da oficina *Geografia Experimental do Corpo*<sup>2</sup>, que culminou no TCC que leva o título da oficina. Outro TCC decorrente desta pesquisa é o da própria bolsista IC intitulado *Geografias de uma cidade não vista: composições e cartografias andarilhas por moradores de rua*<sup>3</sup>, que consiste na composição de cartografias andarilhas que mostrem a cidade vivida por habitantes de rua e os processos de aprendizagem que ocorrem em ambientes não formais de ensino, como a rua. Ambos trabalhos citados foram concluídos no primeiro semestre de 2015 e buscam criar, dentro das suas peculiaridades, outras formas de pensar o modo como cada indivíduo se relaciona com o espaço vivido.

Por vezes a Geografia enjaula numa única questão, abreviando os sentidos do espaço, do lugar, da vida; o intento dessa pesquisa foi justamente criar tremores que possibilitassem romper com algumas dessas amarras. Todos os desdobramentos vinculados a esta pesquisa – desde a análise de livros didáticos; investigação da produção de alguns artistas contemporâneos e autores da filosofia que lidam com mapas e cartografias; planejamento e execução de oficinas; entrevistas semi-estruturadas; fotografias e filmagens – são produções com vistas à configuração de uma outra política das imagens e da informação geográfica utilizada na escola. Como produto final, além de textos acadêmicos, confeccionamos Atlas e materiais audiovisuais que socializamos nos espaços percorridos pela pesquisa e em site próprio, conectado à rede de pesquisa *Imagens, Geografias e Educação* e ao LEPEGEO/FAED/UDESC (disponível em: [http://www.geomagens.net/#!\\_\\_sc](http://www.geomagens.net/#!__sc)).

---

<sup>1</sup> A primeira oficina ocorreu em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, com alunos do oitavo ano (novembro de 2014). A segunda, com acadêmicas do curso de Pedagogia-UDESC durante a disciplina de Didática em Geografia (abril de 2015). E a última, com acadêmicos do curso de Geografia-UDESC durante a disciplina de Didática Especial em Geografia (abril de 2015).

<sup>2</sup> Houve diversas oficinas de *Geografia Experimental do Corpo* ao longo desses dois anos de pesquisa, passando por escolas da rede estadual até universidade e cursos de formação e aperfeiçoamento de professores.

<sup>3</sup> Esse desdobramento da pesquisa se passou tanto no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis/SC quanto no Centro Especializado em Pessoas em Situação de Rua em Joinville/SC.